

20 anos do Dia Nacional da Consciência Negra



Flagrante do primeiro ato evocativo de Palmares ocorrido em 20 de novembro de 1971, no Clube Náutico Marçílio Dias, em Porto Alegre. Promoção do Grupo Palmares, que iniciou suas atividades em 20.07.71.



Entidade Silêncio do Matá. Óbidos, Pará, 1990.

Vinte anos. Zumbi é hoje um pujante guerreiro, redívivo. Retornado à vida, rejuvenescido pelo esforço de uma geração de militantes. A Fundação Palmares gorou, malogrou na incubação. Uma melancólica (e dasairosa, para seus aliados negros) tentativa de apropriação e cooptação, na essência uma proposta de casamento espúrio, no 13 de maio de 1988, entre o pujante guerreiro e a desgastada princesa. Os restos da princesa Isabel, peça importante na montagem e sustentação do mito da democracia racial, arderam em belíssima fogueira, tanto nas praças quanto nas consciências embotadas por doses seculares de "história oficial".

Feita a partir do interior do movimento negro, a revisão da história nacional articula-se necessariamente com as exigências do tempo presente. Não só reconhecemos nosso papel histórico no passado como queremos exercê-lo no presente.

Por esta razão é impossível separar a pesquisa que busca localizar remanescentes de quilombos, para reescrever a história da resistência negra, da luta presente das comunidades negras rurais, "vítimas de atos de grilagem e de tentativas de usurpação de seus direitos inalienáveis".

O melhor exemplo deste trabalho vem do Maranhão, onde militantes do movimento negro

(CCN) e da Sociedade Maranhense dos Direitos Humanos já contactaram mais de quatrocentas comunidades negras no estado, submersas pelo silêncio e pelo descaso provocados pelo racismo que orienta as políticas de Estado, mas não se furtam às exigências da luta presente e participam da articulação do IV Encontro das Comunidades Negras Rurais, que ocorrerá no final de novembro.

A luta contra o desemprego e a fome com que o governo Collor ameaça a sobrevivência do povo negro no Brasil deve ser o conteúdo das comemorações dos vinte anos do Dia Nacional da Consciência Negra. Zumbi vive SE a luta continua.

● ENTREVISTA COM LUÍZA BAIROS,
coordenadora nacional do MNU
● PROJETO POLÍTICO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
● ENCONTRO DE MULHERES DO MNU NO RECIFE
● LÉLIA GONZALEZ NA MARTINICA

Uma viagem à Martinica-1

Lélia Gonzalez

Martinica e Guadalupe fazem parte do conjunto conhecido como Pequenas Antilhas. Situada na parte oriental do Caribe, as Pequenas Antilhas fazem limite entre o Oceano Atlântico e o Mar das Antilhas

e o Mar do Caribe. De acordo com a história oficial, a Martinica foi "descoberta" por Cristóvão Colombo, em 1502, e colonizada pelos franceses, a partir de 1635. Em 1946, a ilha deixou de ser colônia e foi

integrada ao estado francês (juntamente com Guadalupe) como departamento de ultramar. Em consequência, martiniquenses e guadelupeanos são cidadãos franceses.



Foto: Jônatas Conceição

A Martinica é uma ilha belíssima, verdadeiro paraíso tropical, cuja natureza é pródiga em flores e frutos. Seu nome original, Madinique, dado pelos índios caribbas/aruques, que a habitavam primordialmente, significa ilha das flores. Como aconteceu em todo o Caribe, a população indígena foi praticamente extinta e substituída pela mão-de-obra africana escravizada, trazida para trabalhar nas grandes plantações de cana-de-açúcar. Por aí se explica a população majoritariamente negra de Martinica (mais de 90%) e do Caribe.

Com uma população de 327 mil habitantes, principalmente concentrados na capital (Fort-de-France), a Martinica possui uma extensão de 1.090 quilômetros quadrados. Do ponto de vista econômico, a ilha vive essencialmente da cultura da cana (açúcar e rum) e de frutas tropicais e do turismo. A propriedade da terra, na sua quase totalidade, pertence à minoria branca descendente dos antigos senhores de escravos, os chamados "becquês". A maioria negra, enquanto população economicamente ativa, atua principalmente nos diversos setores do terciário. Aparentemente, não existe miséria, uma vez que o salário mínimo está na faixa dos 800 dólares (ou 4 mil francos franceses).

Mas essa riqueza torna-se aparente, na medida em que os fantasmas que a ameaçam são bem concretos. De um lado, a dependência em face dos "becquês", que controlam o setor básico da economia. De outro, o crescimento populacional aponta para um desemprego que atinge índices em torno dos trinta por cento. Com isso, a população jovem é obrigada a migrar para França, a fim de conseguir trabalho. Desnecessário dizer que problemas como o da droga e o dos assaltos começam a pipocar no cotidiano de Fort-de-France.

Um outro grande fantasma que ameaça a vida ensolarada dos martiniquenses diz respeito à integração da Comunidade Européia, que se realizará a partir de 93. Com isso, qualquer cidadão europeu terá livre entrada nesse paraíso tropical, que ficará entregue a todo tipo de efeito negativo de um macro-turismo. Apesar da resistência de grupos organizados, em face da exploração turística (até há

pouco restrita a uns dois municípios), começa a se expandir a construção de hotéis por diferentes regiões da ilha.

De acordo com esse quadro, esse povo - bonito, saudável, bem educado, bem informado e com alto nível de escolaridade - defronta-se com um duplo problema de embranquecimento. O mais recente, é de ordem física e determinado pela futura integração europeia. O mais antigo, é de ordem cultural/ideológica e determinado pela política assimilacionista da metrópole francesa. Afinal, séculos de colonização tiveram como efeito a internalização dos "ideais da civilização francesa".

Nesse contexto, não podemos esquecer que a maior contribuição dos grandes nomes martiniquenses, internacionalmente reconhecidos, está na luta contra o colonialismo e na construção de uma identidade própria. Sabiam muito bem do que tratavam. Dentre esses nomes, o primeiro a ser lembrado é, sem dúvida, o de Aimé Césaire que, ao lado de Léon Damas (Guiana Francesa) e Léopold Senghor (Senegal), dentre outros, foi um dos fundadores do Movimento da Negritude. Poeta extraordinário, Césaire também se destacou como brilhante deputado da esquerda do parlamento francês, atuando vivamente no processo de descolonização. Aos 84 anos, continua na ativa, como prefeito de Fort-de-France. Vale recordar aqui, talvez o maior encontro do mundo negro que tivemos o privilégio de participar, onde Césaire foi o grande homenageado. Referimo-nos à conferência internacional cujo tema foi: "Negritude, Etnicidade e Afro-Culturas das Américas". Ali, mais uma vez, ele reafirmou: "Negritude é identidade, solidariedade e fidelidade" (Miami, fevereiro de 1987).

Numa outra linha de pensamento, mas pondo o dedo na ferida da alienação do negro, encontra-se a dramática figura de **Frantz Fanon** o jovem psiquiatra que se destacou na guerra da independência da Argélia. Crítico da noção de negritude, escreveu **Os Condenados da Terra e Pele Negra, Máscaras Brancas**. Este último é uma das mais acuradas análises dos mecanismos psicológicos que induzem o colonizado a se identificar com o colonizador. Na sua perspectiva, a desalienação do negro está

diretamente vinculada à tomada de consciência das relações sócio-econômicas. Sua posição crítica diante do que considerava como uma acomodação de seus conterrâneos para com a política assimilacionista francesa, levou a exigir que, após sua morte, fosse enterrado na Argélia. E assim foi feito.

Vale notar que a crítica de Fanon procedia, uma vez que boa parte dos martiniquenses tem votado com a direita francesa, num tipo de aliança política em que está em jogo a manutenção de certos "privilégios" por eles adquiridos. Assimilados às práticas do neocolonialismo, acreditam-se cidadãos de primeira classe no interior de um sistema que, de acordo com seus interesses, está pronto a descartá-los em função de uma política muito mais ampla: a da integração europeia... e branca.

Por outro lado, os setores politicamente mais avançados têm se organizado e procurado criar formas de resistência e de ação em face de tais problemas. Dentre esses, é evidente que a questão da identidade não deixa de se colocar. E, numa perspectiva teórica e prática, nada melhor do que discuti-la, do que evidenciá-la, mediante a presença de grupos culturais que a têm como prioridade em suas pesquisas. Foi nessa perspectiva que Brasil, Cuba, Haiti e República Dominicana foram convidados para se fazerem representar no festival promovido pela Prefeitura no Município de Le Marin.

As delegações dos países supracitados eram formadas por grupos religiosos (candomblé brasileiro e vodú haitiano) e culturais, assim como de artistas e pesquisadores. Que se atente para a seriedade de tal iniciativa.

A religião oficial da Martinica é o catolicismo que, aparentemente, deitou raízes no seio da população. Mas existe algo de diferenciado com relação à fé católica. Trata-se de um conjunto de práticas mágicas, reunidas sob a denominação local de "kenbwa", e que poderíamos aproximar do significado que o termo macumba possui para nós. O "kenbwa" é algo a que as pessoas recorrem, mas fingem não fazê-lo. Afinal, numa sociedade católica, não fica nada bem alguém declarar que tenha recorrido aos préstimos



Festa da Beleza Negra no Ilê Aiyê/1987



Frantz Fanon: pondo o dedo na ferida

de um "kenbwa" ou macumbeiro. Infelizmente, não tivemos tempo suficiente para obter melhores informações a respeito dessas práticas. Soubemos, isso sim, que vários "kenbwas" estiveram atentamente presentes nas quatro noites em que se realizaram os rituais do candomblé e do vodú. Ocultos pelo anonimato do público assistente, não deixaram o menor rastro de sua presença. Essa invisibilidade sugeriu-nos a inexistência de um sistema religioso de origem africana (como o vodú ou o candomblé).

Por outro lado, a presença do catolicismo aponta para um calendário de festas em que o carnaval surge como espaço

privilegiado para manifestações culturais de origem africana. No desfile carnavalesco, efetuado na noite de encerramento do festival, pudemos apreciar a apresentação de vários grupos ou blocos. Desnecessário dizer que, aqui, o calor dos ritmos caribenhos aflorou alegre e descontrolado, indicando fortes elementos de identificação regional. Aqui, a Europa se tornou distante e o Caribe se impôs com força ancestral.

Sempre numa primeira abordagem (que, por isso mesmo, exige aprofundamentos), observamos que o comportamento do público é bem diferente daquele que estamos habituados a ver no Brasil. Nada de cantar, de dançar ou de entrar no embalo do bloco que passa. O público é atencioso e delicado, manifestando seu agrado através de aplausos e expressões elogiosas ("Supèr, supèr!"). Tanto no desfile carnavalesco, quanto nos rituais religiosos do candomblé e do vodú. Com maior ou menor entusiasmo, não deixou de aplaudir o que viu. Finíssimo.

No caso do desfile do Ylé Ayé, os martiniquenses sofreram um impacto que os transformou num ávido, atento e curioso olhar, assim como numa intensa escuta. O ritmo cadenciado e profundo, a linha melódica diferente, a graça e leveza das evoluções do casal de bailarinos (lindíssimo), o traje e o modo de dançar do conjunto, deixou-os como que paralisados. Axé, Bahia! (continua no próximo número)